

TRANSFORMAÇÕES NA *BUCÓLICA* 4 DE VIRGÍLIO: COMENTÁRIO E TRADUÇÃOTRANSFORMATIONS IN VIRGIL'S *ECLOGUE* 4: COMMENTARY AND TRANSLATION

Adir de Oliveira Fonseca Junior
Universidade Federal da Bahia

Resumo

A *Bucólica* 4 de Virgílio tematiza a transição da Idade do Ferro à Idade do Ouro. Essa transição de caráter cósmico acarretaria mudanças em diferentes âmbitos, do político ao poético. O texto virgiliano sugere um fluxo contínuo que reflete os movimentos cíclicos da natureza e da história. Para além das transformações descritas explicitamente no poema, a *Bucólica* 4 convida o leitor a imaginar realidades alternativas e infinitas possibilidades de transformação, ampliando significativamente os horizontes interpretativos. Este trabalho propõe-se a analisar esses processos, apresentando um comentário crítico e uma tradução em prosa original da *Bucólica* 4 do latim para o português brasileiro. Pretende-se, assim, fomentar um diálogo com outros comentadores e contribuir para a maior acessibilidade dessa importante obra do cânone ocidental.

Palavras-chave: Virgílio; *Bucólica* 4; Transformação; Comentário; Tradução.

Abstract

Virgil's *Eclogue* 4 thematizes the transition from the Iron Age to the Golden Age. This cosmic transition engenders changes in different spheres, from poetry to politics. Virgil's text suggests a continuous flow which reflects the cyclical movements of nature and history. Beyond the transformations explicitly described in the poem, *Eclogue* 4 incites the reader to imagine alternative realities and infinite possibilities for transformation, significantly expanding interpretative horizons. This work aims to analyze these processes, presenting a critical commentary and an original prose translation of *Eclogue* 4 from Latin into Brazilian Portuguese. The goal is to foster a dialogue with other commentators and contribute to the greater accessibility of this important work from the Western canon.

Keywords: Virgil; *Eclogue* 4; Transformation; Commentary; Translation.

1. Introdução

Neste artigo, proponho-me a analisar e traduzir a *Bucólica* 4 de Virgílio, observando as múltiplas transformações temáticas e formais que nela se operam, com destaque para os níveis metapoético, cósmico, político e mítico. Percebe-se que a écloga virgiliana busca emular, em sua tessitura poética, um fluxo contínuo que refletiria os movimentos constantes do cosmos, da natureza e da história humana. Para além das mudanças descritas explicitamente no texto, a *Bucólica* 4 convidaria o leitor a imaginar realidades alternativas,

expandindo os horizontes interpretativos e sugerindo uma continuidade com as *Geórgicas* e a *Eneida* de Virgílio, que parecem adotar um modelo semelhante do universo, igualmente pautado em ciclos e transformações, supostamente conectados a uma inteligência divina (cf. *Geórgicas* 4.219-227; *Eneida* 6.703-712; Braund, 1997, p. 204-221, esp. p. 285). Este trabalho pretende explicitar os procedimentos e efeitos relacionados a essas transformações na quarta écloga virgiliana.

Embora a *Bucólica* 4 conte com diversas traduções para o português, entre as quais se destacam as de Ramos (Virgílio, 1982), Mendes (Virgílio, 2008), Silva (Virgílio, 2019), Schmidt (2020) e Carvalho (Virgílio, 2024), permanece escasso o número de comentários críticos extensivos sobre o poema disponíveis em nossa língua, especialmente nos contextos acadêmico e editorial brasileiros. Acredita-se que essa lacuna possa estar relacionada a dois fatores principais. Em primeiro lugar, ao papel histórico da tradução como forma prioritária de acesso e difusão dos clássicos no Brasil. A tradução constituiu, por muito tempo, a via mais eficaz para tornar os textos gregos e latinos compreensíveis a leitores não especializados, suprimindo a ausência de uma tradição filológica sólida e de um público amplo para comentários eruditos. Em segundo lugar, o parco número de comentários críticos poderia ser atribuído à justificada valorização da tradução como (re)criação ou transcrição literária, consolidada por figuras como Odorico Mendes (1799-1864), Carlos Alberto Nunes (1897-1990) e Haroldo de Campos (1929-2003), que conceberam a prática tradutória não apenas como mediação linguística, mas também como exercício estético. Essa tradição, que privilegia o vertimento poético como forma de recepção artística, ajudaria a explicar por que muitas obras clássicas – em especial, as *Bucólicas* e a *Eneida* de Virgílio – foram amplamente traduzidas, mas raramente comentadas, de modo extensivo, em português.

Diante desse panorama, apresento aqui uma tradução em prosa do poema latino, segmentada em blocos, com o intuito de ressaltar os núcleos de transformação presentes no texto. A escolha pela prosa, em vez de verso, busca oferecer maior flexibilidade e favorecer uma leitura mais afinada com a interpretação crítica do texto, ainda que sem reivindicar uma suposta “fidelidade ao sentido” ou “precisão semântica” absoluta (Vasconcellos, 2011, p. 68-79). Essa escolha permite uma articulação mais imediata com o comentário e evita, tanto quanto possível, os condicionantes rítmicos e métricos da versificação, que impõem desafios específicos ao tradutor.

O texto latino adotado segue a edição de Mynors (1969), e a análise dialoga com os principais comentadores modernos da écloga, como Coleman (1977), Clausen (1994),

Casanova-Robin (Virgílio, 2014) e Cucchiarelli (Virgílio, 2017, p. 254).

2. Versos 1-10: O mito das Idades

A *Bucólica* 4 começa com uma invocação do poeta às musas sicilianas para que o ajudem a compor canções mais elevadas:

Sicelides Musae, paulo maiora canamus!
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae;
si canimus siluas, siluae sint consule dignae.
(Virgílio, *Bucólicas* 4.1-3)

[Ó Musas da Sicília, cantemos canções um pouco mais elevadas! Nem toda árvore¹
ou humilde tamarindo agrada; se cantamos bosques, que sejam bosques dignos de
um cônsul.]

Conforme já observado por diversos estudiosos, esse proêmio poderia ser lido em chave metapoética, como se indicasse um movimento de Virgílio em direção a um gênero mais elevado, particularmente ao épico (cf. Harrison, 2007, p. 36-37, 44). Nisso poderíamos identificar, de saída, um projeto de transformação do próprio gênero pastoril: dirigindo-se às musas bucólicas (ditas *Sicelides*, “da Sicília”, em referência à origem de Teócrito), o poeta-narrador declara sua intenção de elevar, ainda que ligeiramente (*paulo*), os temas e o tom de seus *carmina*.² Reconhecendo que suas humildes árvores (*arbusta*) e tamarindos (*arbusta... humilesque myricae*) – marcadores do gênero bucólico – não agradam a todos, o poeta pretende tornar seus bosques mais “dignos de um cônsul” (*consule dignae*). As implicações metapoéticas de uma conversão de gêneros serão melhor exploradas na *Bucólica* 10, na qual o poeta elegíaco Cornélio Galo é transformado em um personagem fictício, que busca refúgio na Arcádia (cf. Conte, 1986, p. 100-129; Fonseca Jr., 2020). No entanto, a *Bucólica* 4 já aponta para os limites flexíveis entre gêneros e sugere formas de ultrapassá-los

¹ Segundo Clausen (1994, p. 47), o termo latino *arbusta* seria empregado nesse contexto como sinônimo poético de *arbores*, daí a minha opção mais ou menos literal por “nem toda árvore...” (*non omnis arbusta...*) – cf. as traduções de Odorico Mendes (“arvoreta nem sempre...”) e Péricles Eugênio da Silva Ramos (“nem todos prezam o arvoredo...”).

² Note-se que não há elementos na *Bucólica* 4 que indiquem, explicitamente, o gênero da *persona* narradora. A opção pelo gênero masculino aqui adotada é meramente convencional, mas também não deixa de pressupor uma correspondência ficcionalizada entre o narrador e o autor, correspondência essa sugerida em outros textos virgilianos – cf. e.g. Virgílio, *Bucólicas* 10.70-77; *Geórgicas* 4.563-566; discussão em Vasconcellos (2016, p. 111-114) e Fonseca Jr. (2020, p. 16-19).

e/ou conciliá-los, adaptando-se os compartimentos de um “gênero hospedeiro” (“host-genre”) para acomodar um “gênero hóspede” (“guest-genre”) (Harrison, 2007).

Evocando o mito das Idades – também aludido em *Os trabalhos e os dias* (v. 109-201) de Hesíodo e no *Político* de Platão (268e-274e), bem como, posteriormente, nas *Geórgicas* de Virgílio (1.125-46) e nas *Metamorfoses* (1.89-150) de Ovídio –, o poeta-vate da *Bucólica* 4 anuncia o iminente retorno da Era de Saturno:

Ultima Cumaevi uenit iam carminis aetas;
magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.
iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna,
iam noua progenies caelo demittitur alto.
tu modo nascenti puero, quo ferrea primum
desinet ac toto surget gens aurea mundo,
casta faue Lucina: tuus iam regnat Apollo.
(v. 4-10)

[A última Idade da canção de Cumas já chegou; nasce de novo a grande ordem dos séculos. Já retorna também a Virgem, retornam os reinos de Saturno, uma nova progênie já desce do alto céu. Ó casta Lucina, auxilie logo o menino que está nascendo – com ele cessará a geração férrea e a áurea surgirá no mundo todo –; seu Apolo já reina.]

A associação da última Idade (*Ultima... aetas*) com a canção de Cumas (*Cumaei... carminis*) remete à tradição dos oráculos sibilinos, uma vez que Cumas (cidade situada nos Campos Flégreos, na região da Campânia) teria sido a morada de uma famosa Sibila (a mesma profetisa de Apolo que irá conduzir Eneias aos *infern*i, no Livro 6 da *Eneida*). Em seu comentário sobre a quarta écloga virgiliana, Sérvio relaciona aquela última Idade à décima geração de homens, a qual, segundo um oráculo sibilino, seria sucedida pela primeira geração, dando início a um novo ciclo.³ Ainda de acordo com o gramático tardo-antigo, muitos filósofos antigos teriam promovido essa ideia, argumentando que, ao final do “grande ano” (*magnus annus*), todos os corpos celestes retornariam aos seus pontos de origem e

³ Cf. *Oracula Sibyllina* 4.47, 8.199R – trechos citados por Coleman (1977, p. 131). Alguns comentadores associam essa doutrina oracular (supostamente, de base etrusca) à noção estoica de períodos, segundo a qual todo o universo iria se dissolver em seu fogo criativo original (cf. Cícero, *De natura deorum* 2.41, 118). Porém, o texto virgiliano não sugere nenhum evento catastrófico desse tipo, mas sim um recomeço, uma transição gradual (cf. *incipient... procedere*, v. 12 abaixo) que prescinde de uma destruição completa – Coleman (1977, p. 130-131); Clausen (1994, p. 131).

recomeçariam seus movimentos (*completo magno anno omnia sidera in ortus suos redire et ferri rursus eodem motu*; *In Buc.* 4.4.6-8). Assim, em princípio, a teoria exposta por Sêrvio teria respaldo na astronomia: do mesmo modo que influenciam as estações do ano, os movimentos planetários teriam influência direta sobre o curso da humanidade. Ideia semelhante estaria implícita no início das *Geórgicas* (1.1-2): *quo sidere terram/ uertere... conueniat* (“sob qual estrela convém virar a terra”). Então, unindo a doutrina dos dez *saecula* à das Idades metálicas, Virgílio, possivelmente mediado por Platão e Arato (Gee, 2013, p. 39-48), sugere um ciclo regular de Eras. Isso se reflete, inclusive, na sintaxe do poema. Conforme observado por Coleman (1977, p. 130), em *Ultima Cumaei uenit iam carminis aetas*, tem-se um padrão que ficou conhecido como “verso áureo”, com o sintagma *ultima... aetas* “circundando” *Cumaei... carminis*, e com *uenit iam* ocupando a posição central.

Assim como o inverno é sucedido pela primavera, a atual Geração de Ferro (*ferrea*) em breve será substituída por uma nova Geração de Ouro, enviada dos céus (*noua progenies caelo demittitur alto... gens aurea*).⁴ Um senso de urgência emerge no poema: desde o emprego de *uēnit* (“veio”, “chegou”), no verso 4 acima; à repetição de *iam* (“já”), nos versos 6, 7 e 10; ao uso de *modo*, no verso 8, seguido do imperativo *faue*, no verso 10, que juntos podem ser entendidos como “auxilie logo” (Coleman, 1977, p. 133; Clausen, 1994, p. 131). O poeta-narrador não consegue conter sua ansiedade, dirigindo-se à Lucina (deusa auxiliadora dos partos, aqui identificada com a casta Diana, irmã de Apolo – *tuus*, v. 10)⁵ com impaciência. De fato, a transição para a nova Era coincidirá com o nascimento de um garoto (*nascenti puero*, v. 8) e ocorrerá no mundo todo (*toto... mundo*, v. 9). Quando esse momento chegar, Febo Apolo reinará junto com a Astreia, a deusa da justiça que, desgostosa com os homens da Geração de Prata, decidiu abandonar a terra para tornar-se a constelação de Virgem (*Virgo*, v. 6).⁶ Então, Saturno poderá finalmente retornar como soberano. Conforme observa Coleman (1977, p. 134), o reino de Apolo precede os *Saturnia regna*. Na passagem a seguir, o vate anuncia quando esse processo terá início.

⁴ Cf. Horácio, *Odes* 4.7.

⁵ Cf. Grupo de Trabalho Odorico Mendes (Virgílio, 2008, p. 87). Schmidt (2020, p. 99, n. 8) observa pontos de contato entre a “casta Lucina” de Virgílio e a Juno Lucina (Diana) aludida em Catulo 34 (particularmente, versos 13-14).

⁶ Cf. Arato, *Fenômenos* 96-136; Virgílio, *Geórgicas*, 2.473-474; Ovídio, *Metamorfoses* 1.149-150; e comentário *ad hoc* de Clausen (1994, p. 131). Comentadores também costumam ler essa passagem como uma referência à constelação de Virgem, que esteve visível no céu de Roma em outubro de 40 AEC, após o acordo de Brundísio ter sido celebrado em setembro do mesmo ano – cf. Oliveira (2003, p. 112-127); Schmidt (2020, p. 99, n. 6).

3. Versos 11-17: Mito e política

teque adeo decus hoc aeui, te consule, inibit,
Pollio, et incipient magni procedere menses;
te duce, si qua manent sceleris uestigia nostri,
inrita perpetua soluent formidine terras.
ille deum uitam accipiet diuisque uidebit
permixtos heroas et ipse uidebitur illis,
pacatumque reget patriis uirtutibus orbem.
(v. 11-17)

[É com você sendo cônsul, Polião, que essa idade gloriosa terá início e os grandes meses começarão a avançar. Com você sendo general, se alguns vestígios de nosso crime subsistirem, eles, tornados obsoletos, livrarão as terras do temor perpétuo. Ele receberá a vida dos deuses e verá as divindades misturadas aos heróis, sendo ele próprio visto entre eles, e com as virtudes paternas regerá um mundo pacífico.]

Percebe-se, aqui, que Virgílio entrelaça realidade mítica e política. Conforme vimos anteriormente, o poeta constrói a imagem de uma sociedade ideal (diríamos, hoje, utópica) presidida por importantes divindades do panteão romano: Saturno, Astreia, Febo Apolo. Nos versos 11-12, porém, o texto introduz uma figura política. Na verdade, trata-se da única figura histórica explicitamente nomeada no poema, *Pollio*, isto é, Asínio Polião (76 AEC-4 EC), famoso general e cônsul romano que teria patrocinado Horácio e Virgílio, antes de eles serem introduzidos no círculo de Mecenas. Assim, embora atrelada a processos astronômicos que terão um impacto sobre todo o cosmos, a transição da corrompida e violenta Idade de Ferro para a maravilhosa e pacífica Idade de Ouro será primeiro observada em uma localidade e tempo bastante específicos: a Roma de 40 AEC (ano do consulado de Polião).⁷ Dessa forma, Virgílio confere uma dimensão histórica e temporal a um mito antiquíssimo, situando-o em uma linha cronológica bem definida e estabelecendo uma relação entre os movimentos do céu, da terra e das sociedades humanas.⁸

⁷ O sintagma em ablativo absoluto *te duce* (v. 13) indicaria a atividade militar de Polião, que se estendeu além de seu período como cônsul – cf. Casanova-Robin (Virgílio, 2014, p. 103) e Cucchiarelli (Virgílio, 2017, p. 254).

⁸ Em *A república* de Platão (546a1-6), Sócrates estabelece uma correspondência semelhante: “(...) como tudo o que tem começo também terá fim, essa criação humana [i.e. a cidade] não poderá durar o tempo todo; um dia há de acabar. E acabará da seguinte maneira: não é apenas nas plantas sempre fixas na terra, mas também nos animais que se locomovem sobre sua superfície, que se observa fertilidade ou esterilidade da alma e do corpo, quando a revolução periódica fecha o círculo (...)” (trad. Nunes) – cf. discussão em Gee (2013, p. 37-38).

Nesse contexto, os “vestígios de crime” (*sceleris uestigia*) serão apagados e todas as regiões terrestres viverão livres de medo (*perpetua soluent formidine terras*). Conforme observado pelos comentadores, a palavra *scelus* poderia ser entendida como uma alusão à guerra civil cesariana ou, de modo mais amplo, como uma referência a qualquer guerra – prática cuja origem, segundo Hesíodo (*OTD*, v. 190-192), remontaria à Idade de Bronze.⁹ Contudo, talvez seja mais produtivo pensar em uma sobreposição de sentidos e camadas, como se as guerras civis romanas fossem apenas um exemplo paradigmático dos inúmeros crimes nefastos cometidos na Idade de Ferro. Ao inserir um evento histórico específico dentro de um quadro mítico maior, o texto virgiliano promoveria uma multiplicidade de interpretações e atualizações, efetuadas anacronicamente de acordo com diferentes circunstâncias e propósitos políticos, históricos e religiosos.¹⁰

Note-se que, no verso 15 acima, o poeta usa *ille* como pronome anafórico para referir-se não a *Pollio*, mas ao *puer* (v. 8). Seguramente, esta criança desempenha um papel central na narrativa da écloga, inclusive superando em importância aquele cônsul. A identidade dessa criança, no entanto, permanece envolta em mistério, o que acentua ainda mais o caráter oracular e profético do poema, já que a ambiguidade era um traço característico das profecias no mundo antigo e constituía precisamente a base de sua eficácia interpretativa e de sua autoridade. Segundo Harrison (2007, p. 42), “todas as profecias no mundo antigo, e especialmente aquelas transmitidas no meio menos claro da poesia, tendiam a ser ambíguas: a ambivalência naturalmente garantia uma alta taxa de acerto e, conseqüentemente, credibilidade” (tradução minha).¹¹ Não por acaso, inúmeras hipóteses interpretativas já foram aventadas ao longo dos séculos, ora identificando o *puer* com o filho de Polião (cf. v. 26, *facta parentis* abaixo), ora com o então aguardado filho de Antônio e Otávia, ora com Asínio Galo, Otaviano Augusto ou, até mesmo, Jesus Cristo.¹² Ao contrário do Dáfnis da *Bucólica* 5, esse garoto não irá se transformar em uma divindade após a morte; porém, ele está destinado a ocupar uma posição privilegiada entre os homens, semelhante ao de um governante mítico, que rege pacificamente o orbe terrestre seguindo as virtudes de

⁹ Cf. Coleman (1977, p. 135); Clausen (1994, p. 133); Cucchiarelli (Virgílio, 2017, p. 254).

¹⁰ A título de ilustração, poderíamos mencionar a écloga neolatina *Alcestus* (c. 1362-1363) do poeta italiano Giovanni Boccaccio, que utiliza a *Bucólica* 4 de Virgílio como modelo para celebrar o fim da invasão húngara e o conseqüente retorno do rei Luís de Taranto e da rainha Joana a Nápoles – cf. Fonseca Jr. (2022).

¹¹ “All prophecies in the ancient world, and especially those in the less clear medium of verse, were liable to be ambiguous: ambivalence naturally ensured a high accuracy rate and consequent credibility.”

¹² Cf. Clausen (1994, p. 121-122); Casanova-Robin (Virgílio, 2014, p. 98, n. 7); Cucchiarelli (Virgílio, 2017, p. 237-239); Schmidt (2020, p. 99, n. 7). Sobre Virgílio como um poeta cristão *avant la lettre*, cf. Comparetti (1997, p. 96-103), Clausen (*ibid.*, p. 126-128) e Houghton (2019, p. 175-191).

seus ancestrais (v. 15-17). A título de curiosidade, percebe-se que a Idade de Ouro ovidiana, ao contrário da virgiliana, será descrita como uma anarquia perfeita, por dispensar a necessidade de governantes e leis: “Semeou-se primeiro a Idade de Ouro, que, sem qualquer intervenção, de forma espontânea e sem lei, cultivava a confiança e a retidão” (*Aurea prima sata est aetas, quae uindice nullo,/ sponte sua, sine lege fidem rectumque colebat*; Ovídio, *Metamorfoses*, 1.89-90, ed. Tarrant).

4. Versos 18-30: A terra que tudo dá

At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu
errantis hederas passim cum baccare tellus
mixtaque ridenti colocasia fundet acantho.
ipsae lacte domum referent distenta capellae
ubera, nec magnos metuent armenta leones;
ipsa tibi blandos fundent cunabula flores.
occidet et serpens, et fallax herba ueneni
occidet; Assyrium uulgo nascetur amomum.
(v. 18-25)

[Mas a você, menino, sem cultivo algum a terra ofertará as primeiras lembrancinhas, as heras que se alastram, com o nardo e as colocásias misturadas ao ridente acanto. As próprias cabrinhas levarão à casa as tetas cheias de leite, e os rebanhos não temerão os grandes leões. O seu próprio berço lhe ofertará carinhosas flores. Morrerá a serpente, e a planta com veneno escondido morrerá; o cardamomo assírio nascerá em toda parte.]

Neste ponto, redirecionando o foco para a segunda pessoa do singular (*tibi*), o poeta imagina o *puer* diante de si e passa a lhe narrar as inúmeras benesses que virão com a Idade de Ouro: a terra produzirá sozinha, sem a necessidade de cultivo, frutos e plantas em abundância; as cabras oferecerão espontaneamente seu leite às pessoas; os leões não atacam os rebanhos; as serpentes e ervas venenosas deixarão de existir; e o perfumado cardamomo brotará profusamente. Enfim, a relação entre animais humanos e não humanos será pacífica, harmoniosa e equânime; e a natureza dispensará qualquer tipo de intervenção ou exploração. Outras coisas extraordinárias serão possíveis nesse mundo renovado:

at simul heroum laudes et facta parentis
iam legere et quae sit poteris cognoscere uirtus,
molli paulatim flauescet campus arista
incultisque rubens pendebit sentibus uua
et durae quercus sudabunt roscida mella.
(v. 26-30)

[Mas tão logo você possa ler os méritos dos heróis e os feitos de seu pai, reconhecendo o que é a virtude, aos poucos a planície ficará dourada com a tenra espiga, dos silvados incultos penderá a rubra uva e os duros carvalhos destilarão orvalho de mel.]

Virgílio converte planícies em milharais, arbustos selvagens em vinhas e carvalhos em árvores que milagrosamente destilam mel, poupando as abelhas do trabalho habitual. Em outras palavras, a arte da agricultura será dispensável, obsoleta. Conforme observa Clausen (1994, p. 138), essa tópica de abundância natural remonta aos versos 117-118 de *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo: “e a terra fecunda produzia fruto espontaneamente, em grande quantidade e sem escassez” (καρπὸν δ’ ἔφερε ζείδωρος ἄρουρα/ αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον; ed. West, 1982). Observa-se, no poema virgiliano, que a terra produzirá não apenas o essencial para a subsistência dos humanos, mas também vinho e mel, que poderiam ser considerados símbolos de ostentação e luxo. Essa ideia é reforçada pelo emprego do adjetivo *Assyrium* no verso 25, que sugeriria toda a opulência atribuída pelos romanos aos povos orientais que lhes forneciam especiarias e perfumes, bem como pelos versos 42-45 abaixo (cf. Clausen, 1994, p. 135-136).

5. Versos 31-36: Os vestígios do crime

Tais transformações não acontecerão de um dia para o outro, mas de modo gradual (*paulatim*), à medida que o *puer* cresce e vai aprendendo sobre os “méritos dos heróis” (*heroum laudes*), bem como sobre os “feitos de seu pai” (*facta parentis*) – duas expressões que, conforme Clausen (1994, p. 136), remeteriam à linguagem da aretologia helenística. De fato, durante esse período de transição, alguns vestígios dos crimes cometidos na Idade de Ferro continuarão a existir:

pauca tamen suberunt priscae uestigia fraudis,
quae temptare Thetim ratibus, quae cingere muris
oppida, quae iubeant telluri infindere sulcos.
alter erit tum Tiphys et altera quae uehat Argo
delectos heroas; erunt etiam altera bella
atque iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles.
(v. 31-36)

[Alguns vestígios, entretanto, restarão do antigo crime, que farão agitar Tétis com navios, cingir cidades com muralhas, abrir sulcos na terra. Haverá então outro Tífis, e outra Argo que transporte os heróis eleitos; haverá também outras guerras, e novamente um grande Aquiles será enviado a Troia.]

Enquanto o garoto não atingir a maturidade, pessoas ambiciosas continuarão a explorar o mar (*Thetim*), construir cidades e violentar a terra com o arado. Um outro Tífis (famoso timoneiro dos argonautas) e uma outra Argo virão, simbolizando a cobiça dos homens da Geração de Ferro por conquistar territórios e acumular riquezas. Além disso, novas guerras, similares à de Troia, serão travadas, e um outro Aquiles surgirá. Assim, a história parece se repetir, de modo não linear – vale dizer que a mesma ideia é sugerida, sob diferentes roupagens e com diferentes implicações, por importantes filósofos e historiadores ocidentais, de Platão e Políbio a Nietzsche e Marx (cf. Kaufmann, 1974, p. 155-166; Trompf, 1979; Loeb, 2013, p. 645-647; Nail, 2020). Ao propor padrões de repetição na natureza e na história, o texto virgiliano sugere que não apenas a política e o trabalho, mas também as guerras estariam atreladas aos ciclos cosmológicos e naturais, como se tudo estivesse integrado em um mesmo sistema metabólico. Entretanto, deve-se observar que, embora comparáveis às figuras do passado, os personagens responsáveis por essa repetição são designados como “outros” (*alter... altera... altera...*; vv. 34-35) – termo que não implica, necessariamente, uma equivalência hierárquica. A alternância de personagens pode indicar tanto uma substituição formal quanto uma diferença substancial: são “outros” não apenas no sentido de identidade, mas também quanto ao estatuto simbólico e histórico. Em resumo, não está claro se esses novos personagens estão à altura de seus predecessores ou se representam versões degradadas, deslocadas no tempo. Tal ambiguidade parece questionar um esquema cíclico tradicional e propor, em seu lugar, um movimento de transformação contínua e espiralar.

Além disso, poderíamos ler a passagem acima em chave metapoética: uma nova épica de viagem (qual o poema *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes, evocado pelos termos *Tiphys* e *Argo*) e uma nova épica bélica (qual à *Iliada* de Homero, insinuada por *Troiam* e *Achilles*), irão surgir, como se tais obras refletissem o “crime” da ambição e da rivalidade poéticas. Além de dialogar com os versos iniciais da *Bucólica* 4, essa leitura nos conduziria, de modo prospectivo, à *Eneida* – que, como sabemos, resulta de um processo de *contaminatio* entre épica de viagem (Livros 1-6) e épica de guerra (Livros 7-12). Seguindo esse viés interpretativo, então, talvez possamos ler a *Bucólica* 4 como um oráculo que prenuncia, entre outras coisas, a publicação futura (supostamente póstuma) da *Eneida* de Virgílio, conforme sugerido por Schmidt (2020, p. 101, n. 18).

6. Versos 37-47: A vontade dos fados

Como dito acima, a consolidação da nova Idade de Ouro coincidirá com a transformação do *puer* em *uir*:

hinc, ubi iam firmata uirum te fecerit aetas,
cedet et ipse mari uector, nec nautica pinus
mutabit merces; omnis feret omnia tellus.
non rastros patietur humus, non uinea falcem;
robustus quoque iam tauris iuga soluet arator.
nec uarios discet mentiri lana colores,
ipse sed in pratis aries iam suaue rubenti
murice, iam croceo mutabit uellera luto;
sponte sua sandyx pascentis uestiet agnos
“Talia saecla” suis dixerunt “currite” fuis
concordes stabili fatorum numine Parcae.
(v. 37-47)

[Então, quando a idade já firmada tiver feito de você um homem, o navegante renunciará ao mar, e o pinho náutico não trocará mercadorias; toda a terra produzirá tudo. O solo não irá sofrer com a enxada, nem a vinha com a foice; também o robusto lavrador já soltará os touros dos jugos. A lã já não aprenderá mais a fingir várias cores, mas nos prados o carneiro mudará seu velo, ora para um suave tom de púrpura rubra, ora para amarelo açafrão. De modo espontâneo, o escarlate vestirá os

cordeiros que pastam. “Tais séculos façam correr!”, disseram aos seus fusos as Parcas, concordando com a vontade estável dos fados.]

Quando o prodigioso menino finalmente alcançar a idade adulta, os homens deixarão de vender e comprar mercadorias, pois toda a terra irá providenciar tudo em abundância (*omnis ferret omnia tellus*). Chamando a atenção para a “inaturalidade” das expedições marítimas, Virgílio recorre a uma expressão um tanto paradoxal, *nautica pinus* (v. 38), derivada de Catulo (*Peliaco quondam prognatae vertice pinus/ dicuntur liquidas Neptuni nasse per undas*, “Dizem que os pinhos nascidos do cume peliaco nadaram pelas líquidas ondas de Netuno”, 64.1-2). Tem-se aqui a emblemática imagem de um pinheiro flutuando em alto-mar, interpretada como um símbolo de decadência.¹³ Tanto o lavrador quanto seus touros, libertos do jugo, não precisarão trabalhar. E mais: a lã dos carneiros mudará naturalmente de cor, tornando o emprego de tintas artificiais desnecessário. Esta passagem tem suscitado opiniões divergentes da crítica: de um lado, há quem diga que Virgílio teria almejado o sublime e esbarrado no ridículo; do outro lado, há quem entenda a imagem dos carneiros coloridos como uma peça surpreendentemente singela que comporia um quadro idílico, quase fantástico.¹⁴ Porém, conforme sugerido por Bruce Thornton (1988, p. 226-228), a passagem mencionada representaria um ataque irônico à elite decadente de Roma, com seus gastos supérfluos e seus gostos extravagantes. De fato, Virgílio evoca cores-símbolos da luxuosidade romana: *murice* (referente à púrpura extraída do molusco múrice), *luto* e *croceo* (termos que indicam a cor amarela e remetem ao ouro), e *sandyx* (tinta avermelhada derivada do chumbo e ferro). Ao adicionar esses elementos como parte integrante da natureza da Idade de Ouro, Virgílio estaria construindo um cenário escapista onde as frivolidades urbanas tradicionalmente percebidas por poetas e filósofos como nocivas aos valores romanos seriam indispensáveis, dando a entender que seria mais fácil imaginar cordeiros que dão lã colorida e coisas semelhantes do que imaginar um mundo sem opulência.

Ainda no trecho acima, enfatizando a iminência da nova era, o poeta declara que as Parcas (identificadas aqui com as três Moiras gregas) já estão fazendo girar seus fusos, em consonância com a “vontade estável dos fados” (*stabili fatorum numine*; v. 47). Logo, compreende-se que a transição para a Idade de Ouro não decorreria simplesmente de um

¹³ Seguindo Ramos (Virgílio, 1982, p. 79), traduzi *nautica pinus* como “pinho náutico” (em vez de uma opção menos literal como “barco feito de pinho”, por exemplo) – cf. comentário *ad hoc* de Coleman (1977, p. 142).

¹⁴ Para um resumo mais detalhado desses julgamentos e indicações bibliográficas, cf. Thornton (1988, p. 226-228).

processo mecânico do cosmos, mas pressuporia, antes, um plano divino. Neste ponto, então, Virgílio parece se afastar da filosofia materialista de Lucrécio (cf. Nail, 2022, p. 13). Conforme Coleman (1977, p. 144) e Clausen (1994, p. 141) observaram, a expressão *fatorum numine* é empregada em um passo das *Tusculanas* (1.115) de Cícero que trata justamente da providência divina.¹⁵ E, de acordo com o primeiro comentador, *fatorum* poderia ser entendido como um genitivo de definição, sendo Júpiter o agente implícito de *numen*; assim, a construção *stabili fatorum numine* indicaria “a vontade estável (de Júpiter) concernente aos fados”. Reforçando essa hipótese de Coleman, poderíamos lembrar de uma cena da *Eneida*, em que o profeta Heleno, inspirado por Febo Apolo, diz que “o rei dos deuses distribui os fados e revolve os destinos” (*fata deum rex/ sortitur uoluitque uices*; v. 375-376). De fato, ao mesmo tempo em que o Júpiter virgiliano é o soberano dos deuses, ele também é representado como uma divindade cósmica onisciente, que movimenta os ciclos de eventos temporais e determina os rumos do universo e da humanidade (cf. Thornton, 1976, p. 71, 123; Braund, 1997, p. 286).

7. Versos 48-59: O poeta-vate

Assim como as Parcas, o poeta também anseia pelo retorno da Idade de Ouro:

adgredero o magnos (aderit iam tempus) honores,
 cara deum suboles, magnum Iouis incrementum!
 aspice conuexo nutantem pondere mundum,
 terrasque tractusque maris caelumque profundum;
 aspice, uenturo laetentur ut omnia saeclo!
 o mihi tum longae maneant pars ultima uitae,
 spiritus et quantum sat erit tua dicere facta!
 non me carminibus uincet nec Thracius Orpheus
 nec Linus, huic mater quamuis atque huic pater adsit,
 Orphei Calliopea, Lino formosus Apollo.
 Pan etiam, Arcadia mecum si iudice certet,
 Pan etiam Arcadia dicat se iudice uictum.

¹⁵ Cf. também Catulo 64.320-321: *haec tum clarisona uellentes uellera uoce/ talia diuino fuderunt carmine fata* (“então elas, desvelando os velos, com claríssima voz fundiram tais fatos em divino canto”); 327: *currere ducentes subtegmina, currite, fusi* (“corram, condutoras tramas; corram, fusos”); e Horácio, *Carmen Saeculare* 25-28: *uosque, ueraces cecinisse Parcae./ quod semel dictum est stabilisque rerum/ terminus seruet, bona iam peractis/ iungite fata* (“e vocês, Parcas, verazes ao cantar o que foi dito um dia – e que o estável termo das coisas o assegure –, juntem os bons fados aos já completados”).

(v. 48-59)

[Ó, caro rebento dos deuses, grande prole de Júpiter, acerque-se das grandes honrarias (o tempo já chegará)! Veja o mundo oscilando com o seu peso convexo, e as terras e as extensões do mar e o céu profundo; veja como tudo se alegra com o século vindouro! Ó, que então a última parte da minha vida seja longa, e que haja inspiração suficiente para narrar os seus feitos! O trácio Orfeu não me vencerá nas canções, nem Lino, ainda que a mãe e o pai destes os socorram – de Orfeu, Calíope; de Lino, o formoso Apolo. Também Pã, tendo a Arcádia por juiz, se competir comigo... Também Pã, tendo a Arcádia por juiz, dirá que foi vencido.]

Aqui, percebe-se que o poeta assume o papel de um vate, porta-voz de sua geração, encorajando o *puer* do futuro, bem como o leitor, a visualizar (*aspice*) os sinais de um mundo em transformação. A terra, o mar, o céu, tudo parece manifestar o advento do “século vindouro” (*uenturo laetentur ut omnia saeclo*). A expressão *deum suboles*, conforme observado por Coleman (1977, p. 145), não indicaria necessariamente que a criança é divina, mas talvez um semideus, comparável a Baco, Hércules ou Eneias (cf. *Eneida* 6.322: *deum certissima proles*). A expressão *magnum Iouis incrementum*, por sua vez, sugere que o garoto ou é descendente direto de Júpiter, ou seu representante na terra. De todo modo, o texto não implicaria um processo de deificação póstuma (como na écloga seguinte). Pelo contrário, independentemente de seu percurso político ou militar e da admiração que possa receber em vida, o semi-divino *puer* já está predestinado a obter “grandes honrarias” (*magnum honores*) e realizar nobres feitos (*facta*). Para cantá-los, o poeta espera ter uma vida longa o bastante, bem como inspiração poética (*spiritus*). Assim, ele poderá rivalizar até mesmo com Orfeu e Lino (considerados os primeiros poetas, filhos de Calíope e de Apolo, respectivamente), ou Pã (deus dos campos e da poesia bucólica).

8. Versos 60-63: À criança por vir

Por fim, ele conclui com uma exortação à criança que está por vir:

Incipe, parue puer, risu cognoscere matrem
(matri longa decem tulerunt fastidia menses)

incipi, parue puer: qui non risere parenti,¹⁶
nec deus hunc mensa, dea nec dignata cubili est.
(v. 60-63)

[Comece, pequeno garoto, a reconhecer com um sorriso a sua mãe (dez meses trouxeram a ela longas fadigas)¹⁷; comece, pequeno garoto: quem não sorriu aos pais não é digno da mesa de um deus, nem do leito de uma deusa.]

Visto que a transição para a Idade de Ouro coincidirá com o surgimento do menino, o poeta se mostra ansioso para que ele seja concebido e venha logo ao mundo; afinal, com o nascimento da criança (*nascenti*, v. 8), nasce também uma nova ordem do tempo (*nascitur*, v. 5), como nota Clausen (1994, p. 121), destacando o modo como Virgílio enfatiza, ainda que sutilmente, essa coincidência. A qualidade excepcional do garoto será manifesta desde o momento do seu nascimento, porquanto ele, em vez de chorar, irá sorrir ao ver a mãe (*risu cognoscere matrem*). Com efeito, o riso precoce do recém-nascido é sinal indubitável de sua grandeza, que lhe permitirá banquetear com os deuses e frequentar o leito das deusas. Segundo Coleman (1994, p. 149) e Schmidt (2020, p. 103, n. 32), trata-se de uma alusão ao mito de Hércules, herói a quem foi concedido o privilégio de conviver com os deuses, como se observa, por exemplo, na *Odisseia* de Homero (11.602-604).

9. Considerações finais

A *Bucólica* 4 de Virgílio apresenta-se como um poema que anuncia, em tom profético, o iminente fim da Idade de Ferro e o retorno da Idade de Ouro, prevendo um momento de transição, concomitante ao nascimento e crescimento de uma criança prodigiosa, semidivina. Embora essa transição dê seus primeiros sinais na Roma de Polião, ela terá um efeito sobre todo o orbe, que refletirá um movimento cíclico dos planetas. Disso se depreende que essa nova Idade de Ouro, que mal retornou, já está fadada a caducar, para um dia retornar e caducar de novo, em diferentes tempos e sob diferentes circunstâncias.¹⁸ Ora, como tudo na natureza, cada Era é substituída por outra – a de Ouro pela de Prata, a de Prata pela de Bronze, a de Bronze pela de Ferro, a de Ferro pela de Ouro, e assim sucessivamente. Em

¹⁶ Sobre a controversa escolha de *qui* em vez de *cui* (v. 61), cf. Coleman (1977, p. 148), Clausen (1994, p. 144), e Cucchiarelli (Virgílio, 2017, p. 277-278) – *pace* e.g. Fairclough (Virgílio, 1999, p. 52, n. 62).

¹⁷ Dez meses lunares era o período normal de uma gestação segundo o calendário romano.

¹⁸ Sobre a noção de “eterno retorno” na *Bucólica* 4, cf. artigo de Oliveira (2003, p. 112-127).

alguma medida, portanto, é como se todas essas Eras coexistissem no poema virgiliano, já que uma remete, inevitavelmente, à outra. O que parece estar em destaque nesta écloga não é tanto (ou não apenas) o sentimento de esperança despertado pelo retorno da Idade de Ouro, mas sim as noções de transitoriedade, efemeridade e ciclicidade ou, antes, espiralidade das coisas, inclusive das conjunturas históricas, políticas e sociais.

Referências

- BRAUND, S. M. Virgil and the cosmos: religious and philosophical ideas. *In*: MARTINDALE, C. (ed.). **The Cambridge companion to Virgil**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 279-298.
- CLAUSEN, W. **A commentary on Virgil: *Eclogues***. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- COLEMAN, R. **Virgil: *Eclogues***. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- COMPARETTI, D. **Vergil in the Middle Ages**. Trad. E. F. M. Benecke. Princeton: Princeton University Press, 1997.
- CONTE, G. B. An interpretation of the tenth eclogue. *In*: **The rhetoric of imitation: genre and poetic memory in Virgil and other Latin poets**. Trad. e ed. C. Segal. Ithaca: Cornell University Press, 1986, p. 100-129.
- FONSECA Jr., A. (2022). The king and the beast: Political and poetic shifts in Boccaccio's *Alceus*. **Forum Italicum**. New York, v. 56, n. 1, p. 3-37, 2022.
- FONSECA Jr., A. Realidade, ficção e autoficção na *Bucólica* 10 de Virgílio. **Phaos: Revista de Estudos Clássicos**. Campinas, v. 20, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13734>. Acesso em: 30 dez. 2024.
- GEE, E. **Aratus and the astronomical tradition**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- HARRISON, S. **Generic enrichment in Vergil and Horace**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HESIOD. **Works and Days**. Ed. M. L. West. Oxford: Clarendon Press, 1982.
- HOMERO. **Ilíada**. Trad. F. Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOUGHTON, L. B. T. **Virgil's fourth Eclogue in the Italian Renaissance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

KAUFMANN, W. A. Overman and eternal recurrence. In: **Nietzsche: philosopher, psychologist, antichrist**. 4a. ed. Princeton: Princeton University Press, 1974, p. 155-156.

LOEB, P. S. Eternal recurrence. In: RICHARDSON, J.; GEMES, K. (eds.). **The Oxford handbook of Nietzsche**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 645-671.

MYNORS, R. A. B. **P. Vergili Maronis opera**. Oxford: Clarendon Press, 1969.

NAIL, T. **Lucretius III: a history of motion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022.

NAIL, T. **Marx in motion**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

OLIVEIRA, R. A. Motivações mítico-históricas da *Bucólica* IV de Virgílio. **Calíope**. Rio de Janeiro, vol. 11, p. 112-127, 2003.

OVID. **Metamorphoses**. Ed. R. J. Tarrant. Oxford: Clarendon Press, 2004.

PLATÃO. **A República**. Trad. C. A. Nunes. 3a. ed. Belém: EDUFPA, 2000.

SCHMIDT, P. A *Bucólica* 4 de Virgílio. **Translatio**. Porto Alegre, n. 18, p. 98-104, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/89602/57640>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SERVIUS (Maurus Servius Honoratus). In **Vergilii carmina comentarii**. Ed. G. Thilo; H. Hagen. Leipzig: B. G. Teubner, 1881.

THORNTON, B. A note on Vergil Eclogue 4.42-45. **The American Journal of Philology**, vol. 109, n. 2, p. 226-228, 1988.

THORNTON, A. **The living universe: gods and men in Virgil's Aeneid**. Leiden: Brill, 1976.

TROMPF, G. W. **The idea of historical recurrence in Western thought**. Berkeley: University of California Press, 1979.

VASCONCELLOS, P. S. A tradução poética e os estudos clássicos no Brasil de hoje: algumas considerações. **Scientia Traductionis**, n. 10, p. 68-79, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p68/19987>.
Acesso em: 23 mai. 2025.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Trad. R. Carvalho. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Trad. G. A. F. Silva. Lisboa: Cotovia, 2019.

VIRGÍLIO. **Le bucoliche**. Ed. A. Cucchiarelli; trad. A. Traina. 2a. ed. Roma: Carocci Editore, 2017.

VIRGÍLIO. **Les bucoliques**. Ed. E. de Saint-Denis; trad. Anne Videau; com. Hélène Casanova-Robin. Paris: Les Belles Lettres, 2014.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Trad. M. O. Mendes; ed. Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

VIRGÍLIO. **Eclogues; Georgics; Aeneid 1-6**. Trad. H. R. Fairclough, rev. G. P. Goold. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1999.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Trad. P. E. S. Ramos. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Melhoramentos, 1982.